

O PROJETO URBANÍSTICO INTEGRADO NARANDIBA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS BAIRROS DE TANCREDO NEVES E DORON

Patrícia Ponte de Freitas¹

Resumo: O Projeto Urbanístico Integrado Narandiba diferencia-se dos demais conjuntos habitacionais populares por não ser homogêneo (dividido em duas zonas) e por estar localizado na faixa oeste do miolo da cidade, próximo à Avenida Luís Viana Filho e ao Iguatemi. Nesse trabalho são estudadas a função inicial e a atual situação de Narandiba, através de uma análise comparativa da ocupação e do desenvolvimento entre as zonas norte e sul do projeto, representadas pelos bairros de Tancredo Neves e Doron, respectivamente. Busca-se com essa análise mostrar que a zona sul é privilegiada em relação à norte no que diz respeito ao padrão das habitações e nível de renda da população pelo fato de ser mais próxima ao novo centro da cidade. A partir de questionários aplicados, pôde-se também observar que, apesar de os bairros populares apresentarem condições de infra-estrutura inferiores às dos conjuntos habitacionais, sua população se mostra mais satisfeita em residir nesses bairros, o que remete às questões de identidade e territorialidade. Os resultados mostram que, apesar da notável falta de interesse do governo em melhorar as condições de vida em bairros como Tancredo Neves, os laços de vizinhança e as questões de pertencimento são mais presentes em bairros populares.

Palavras -chave: Estado; Conjuntos habitacionais; Segregação sócio-espacial

INTRODUÇÃO

O processo acelerado de crescimento que Salvador vivenciou, a partir da década de 60, imprimiu na cidade uma nova configuração espacial, marcada pela escolha, por parte dos agentes da produção espacial, das formas e funções que determinadas áreas da cidade iam exercer. O Projeto Urbanístico Integrado Narandiba, como os demais conjuntos habitacionais populares, é um dos exemplos da ação do Estado nesse processo, porém diferencia-se por não ser homogêneo (dividido em duas zonas) e por estar localizado na faixa oeste do miolo da cidade, próximo à Avenida Luís Viana Filho e ao Iguatemi.

Nesse trabalho, são estudadas a função inicial e a atual situação de Narandiba, através de uma análise comparativa da ocupação e do desenvolvimento entre as zonas norte e sul do projeto, representadas pelos bairros de Tancredo Neves e Doron, respectivamente. Busca-se com essa análise mostrar que a zona sul (praticamente desabitada antes de 1977, ano de implantação do projeto) é privilegiada em relação à norte (caracterizada por uma ocupação anterior à intervenção do Estado e por uma elevada densidade populacional) no que diz respeito ao padrão das habitações e nível de renda da população pelo fato de ser mais próxima ao novo centro da cidade.

Foram utilizados como base dessa pesquisa: os Planos de Ocupação e Zoneamento da CONDER (antiga CEDURB, órgão responsável pelo projeto), nos quais a intenção do Estado em diferenciar as duas zonas é expressa através da hierarquização do sistema habitacional; os dados do Censo Demográfico do IBGE 2000, referentes à renda dos responsáveis, por setores censitários e a

¹ Estudante de Graduação em Geografia da UFBA/ bolsista PIBIC-CNPq E-mail: patriciaponte01@yahoo.com.br.
Orientadora: Maria Auxiliadora da Silva, Professora do Departamento e do Mestrado em Geografia da UFBA. E-mail: dorasilva@ufba.br.

aplicação de questionários a respeito dos principais problemas, vantagens e satisfação dos moradores em relação a seus bairros.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Delimitação da área: para estabelecer os limites de Narandiba, foram utilizados os Planos Urbanísticos para a área, dos anos de 1977 e 1979.

Os dados utilizados nesse trabalho foram coletados por Setores Censitários do Censo IBGE 2000. Neste último recenseamento, não constam dados de algumas áreas inclusas no Projeto Narandiba (Condomínio Arvoredo, Cabula VII e o Complexo Experimental da Narandiba), por isso elas foram desconsideradas.

Questionários: numa fase posterior da pesquisa, foram aplicados 80 questionários, tendo sido 20 referentes ao Doron e 60, ao Tancredo Neves. Embora a amostragem não represente uma grande porcentagem em relação ao número de habitantes (3.779 no Doron e 39.121 no Tancredo Neves), observações preliminares, visitas a campo e conversas com os moradores de ambos os bairros demonstraram que essa quantidade de questionários seria satisfatória para os objetivos desse trabalho.

1. O PROJETO NARANDIBA

O Projeto Narandiba foi elaborado e executado pela CEDURB, com o apoio do BNH e da Caixa Econômica Federal, mediante a pré-determinação da utilização de áreas na cidade para a implantação de equipamentos metropolitanos como o Hospital Roberto Santos, o Centro de Estudos Supletivos, o Centro de Recuperação e Triagem de Menores, entre outros.

Para efeito de programação, foi estabelecida a divisão da área em duas zonas, sendo necessária sua avaliação para transferir para cada unidade os dados populacionais e de renda previstos. Essas zonas foram assim individualizadas:

Zona Norte: Com área de 296 ha (57,7% da área do projeto), e 263 ha (64,2% de sua área) urbanizáveis. Dessa superfície urbanizável, 43 ha foram alocados para grandes equipamentos de assistência social (Hospital Roberto Santos, o Centro de Estudos Supletivos, o Centro de Recuperação e Triagem de Menores, etc.), restando assim 220 ha utilizáveis para habitação, dos quais, mais da metade já estava ocupada, grande parte resultante de ocupações espontâneas e dos projetos do Cabula II, IV e V. Na época de implantação do projeto Narandiba, essa zona abrigava uma população com renda hegemônica do tipo C, estando projetada para manter essa característica até o ano de 2000.

Zona Sul: Com área de 217 ha (40,3% da área do projeto) e 147 ha (35, 8%) de área urbanizável. Na época, a zona sul era praticamente desabitada e pode-se dizer que era 'privilegiada' por sua proximidade ao novo centro do Iguatemi e à Avenida Paralela. Objetivava-se para essa zona uma população com classe de renda hegemônica do tipo A, até o ano 2000.

Cada zona era constituída por cinco Unidades de Vizinhança e um agrupamento de cinco a seis unidades de vizinhança, que formariam, então, uma zona. Na época de realização do projeto, as unidades de vizinhança foram assim estabelecidas: **Zona Sul**, formada pelas U.V.'s de Cascão, Árvores, Doron, Bahia e Esmeralda; **Zona Norte**, formada pelas U.V.'s de Amélia, Engomadeira, Dois Irmãos, Beiru e Campo Seco. (ver fig. 01)

Fig. 01 - Projeto Narandiba: Unidades de Vizinhança 1977

ZONA NORTE



Fonte: CONDER
Elaboração: Patrícia Ponte

- Limite do projeto Narandiba
- - - - Limite das Unidades de Vizinhança
- Limite entre as zonas norte e sul

CES	Centro de Estudos Supletivos
CIE	Centro Integrado de Ensino
CRTM	Centro de Recuperação e Triagem de Menores
HRS	Hospital Roberto Santos

A integração funcional de Narandiba à RMS se daria de duas maneiras: por sua “função metropolitana de centro de Assistência Social” e por sua “função metropolitana de habitação”, com o fortalecimento dessa área como núcleo habitacional.

1.1 Função habitacional e distribuição da população

O plano de Zoneamento Básico de Narandiba expressava uma visível preocupação com a hierarquização do sistema habitacional, de acordo com os aspectos físicos, econômicos e sociais.

Segundo o plano de ocupação, o objetivo dessa hierarquia seria “tratar cada habitação de acordo com as demandas de natureza socioeconômica das famílias que residiriam na área do projeto” (CEDURB, 1977, p.158)

Dessa forma, buscava-se conciliar “necessidades materiais e existenciais da população com suas prioridades em relação às funções providas pela habitação” (p. 158). Para definir os aspectos locais dos diferentes grupos de renda de Narandiba, foram considerados, além do padrão físico das habitações, as prioridades de cada grupo de renda.

Para tanto, utilizou-se a idéia de ‘funções não quantificáveis’, baseada no livro “The Territorial Imperative”, de Robert Andry, no qual o autor relaciona níveis de renda com necessidades habitacionais tais como segurança, proximidade de empregos não especializados, padrão moderno das habitações, entre outras. Segundo Andry, as classes de baixa renda teriam como prioridade a proximidade de empregos não especializados, enquanto as classes mais favorecidas teriam como prioridade a identificação com sua habitação e que esta apresentasse padrão moderno.

Para a zona sul, projetava-se ainda a construção de grandes edificações nas encostas laterais próximas à Avenida Paralela - projetos que ‘enriqueceriam a paisagem’ dessa zona. Já para a zona norte, não se projetava a construção de grandes conjuntos habitacionais, visto que esta já tinha 51,4% de sua área ocupada espontaneamente, cabendo ao restante apenas programas de lotes urbanizados ou de pequenos conjuntos.

O que mais impressiona são as justificativas presentes no plano para tais diferenciações. Segundo os técnicos do governo, as classes de renda mais baixa têm prioridades bastante limitadas, enquanto as classes mais favorecidas têm uma ampla lista delas. Ao invés de prioridades, não deveríamos falar em condições para suprir certas necessidades comuns a todos? É do interesse de todos, não importa a classe social a que pertença, ter segurança, morar próximo a serviços como escolas e hospitais e a locais de ofertas de trabalho, morar em casa, rua ou bairro com boa aparência e servido de infra-estrutura e de um bom sistema de transporte. Entretanto são poucos os que podem pagar por isso. É muito mais cômodo para o Estado dotar determinadas áreas de toda a infra-estrutura e serviços de qualidade, contribuindo, cada vez mais, para sua valorização, enquanto a maior parte da cidade se encontra desprovida dessas condições, visto que estas “não fazem parte das prioridades” da sua população.

Tudo isso retrata bem os aspectos de uma urbanização corporativa, segregacionista para as classes menos favorecidas, reflexo da desigual distribuição de renda e da apropriação do solo urbano por uma minoria privilegiada. Essa diferenciação espacial do uso e da ocupação do solo na cidade tem como principal resultado uma segregação sócio-residencial que “diversifica-se com a intensificação e o surgimento de outras formas de segregação das classes sociais no espaço da cidade, configurando, na atualidade, além de uma marcante separação entre pobres e ricos, uma forte exclusão dos direitos urbanísticos – ‘cidades’ distintas para ‘cidadãos’ diferenciados”. (SOUZA, 2000, p. 275)

2. A NARANDIBA HOJE

Atualmente, Narandiba tem uma população de 119.706 habitantes, sendo 101.183 residentes na zona norte e 18.523 na zona sul (IBGE, 2000). A população ficou abaixo do estimado pelos técnicos do governo (140 mil hab), especialmente na zona sul, cuja população estimada era de 63 mil habitantes.

A zona norte de Narandiba hoje é composta pelos Bairros da Engomadeira, Barreiras, Tancredo Neves, Arenoso e o trecho da Rua Silveira Martins, que vai da UNEB (antigos CES e CEI), até as imediações do Hospital Roberto Santos. A zona sul, por sua vez, é constituída pelos Bairros do Doron, Cabula VI e Saboeiro e pela área que atualmente se denomina Narandiba – ocupações informais que se iniciam na rotula do Hospital Juliano Moreira e avançam pela Avenida Edgar Santos em direção à Avenida Paralela (ver fig. 02).

Hoje é bastante visível o contraste ente as duas zonas. Os bairros constituintes da zona norte são, em sua maioria, bairros pobres e populosos, exemplos do descaso dos órgãos públicos; os da zona sul, são bairros formados por conjuntos habitacionais e, apesar de apresentarem aspecto melhor que os demais, estão longe de alcançar os objetivos traçados no início do projeto. Pode-se notar que, no começo da zona sul (encontro das avenidas Edgar Santos e Paralela), existe de fato uma tentativa de valorizar a paisagem, porém, quando seguimos em direção ao Hospital Roberto Santos, é possível notar a degradação da Avenida Edgar Santos, especialmente pelas ocupações espontâneas presentes em seu canteiro central. O governo do Estado acusa a prefeitura de descaso e trata a questão em tom de acusação:

“As escolhas do projeto foram encampadas pelas administrações estaduais posteriores, dando assim um exemplo do que deveria sempre ser a atitude do setor público para o bem da população. Infelizmente, não foi o caminho que escolheu a Prefeitura. Quer seja por negligência, demagogia, incompetência ou outras razões, deixou invadir o canteiro central da Avenida Edgar Santos, que hoje tem as características de uma favela” (SCHEINOWITZ, 1998)

O fato é que, nos dias atuais, a Prefeitura é administrada pelo mesmo partido, com os mesmos ideais, que realizou as intervenções em Narandiba e é importante ressaltar que essa atual administração já se encontra no fim de seu oitavo ano, o que não representou alterações nos padrões estéticos do lugar, nem em melhorias substanciais na vida dos moradores.

Apesar de existirem diferenças entre os níveis de renda das populações nas duas zonas, esses não são tão destoantes como se previa no início do projeto. Esse fato pode ser decorrente especialmente da multiplicação das ocupações informais na zona sul (ver Tabelas 1 e 2):

Tabela 1 : Nível de renda dos responsáveis – Zona Norte

salários	s/ rend.	até 1/2	de 1/2 a 1	de 1 a 2	de 2 a 3	de 3 a 5	de 5 a 10	de 10 a 15	de 15 a 20	+ de 20	
Doron	52	2	66	189	144	310	340	47	21	15	
Saboeiro	128	11	200	238	147	180	228	65	26	24	
Narandiba	228	25	255	352	172	110	63	7	4	4	
Cabula VI	408	38	521	779	463	600	631	119	51	43	
total	816	76	1042	1558	926	1200	1262	238	102	86	7306
%	11,2	1,0	14,3	21,3	12,7	16,4	17,3	3,3	1,4	1,2	100,0
	26,50%			24,00%		33,70%		5,90%			100,0%

Fonte: IBGE 2000



Fig. 02



Tabela 2: Nível de renda dos responsáveis – Zona Sul

salários	s/ rend.	até 1/2	de 1/2 a 1	de 1 a 2	de 2 a 3	de 3 a 5	de 5 a 10	de 10 a 15	de 15 a 20	+ de 20	
Tancredo Neves	1501	160	2064	2266	1184	1128	783	131	43	38	
Engomadeira Silv. Martins/HRS	759	92	1285	1413	756	634	378	61	17	15	
Arenoso	541	46	524	597	340	442	798	241	129	62	
Barreiras	717	64	1035	1045	601	420	203	24	5	8	
	218	5	224	322	244	212	176	32	11	3	
total	3736	367	5132	5643	3125	2836	2338	489	205	126	23997
%	15,6	1,5	21,4	23,5	13,0	11,8	9,7	2,0	0,9	0,5	100,0
	38,50%			36,50%		21,50%		3,50%			100,0 0%

Fonte: IBGE 2000

Na época de implantação do projeto Narandiba, a zona norte abrigava uma população com renda hegemônica do tipo C (42% de sua população com renda de 1 a 3 salários, 34,5% com rendimento entre 3 e 11 salários e 24% acima de 11 salários), estando projetada para manter essa característica até o ano 2000. Atualmente, apresenta 36,5% dos chefes de família com renda entre 1 e 3 salários mínimos; 21,5%, entre 3 e 10 salários; apenas 3,5% com mais de 10 salários e a maioria de sua população, 38,5%, com rendimentos inferiores a 1 salário.

Já para a zona sul, os objetivos eram que esta recebesse uma população com classe de renda hegemônica do tipo A, até o ano 2000, ou ainda: uma população composta de cerca de 74% com rendimentos superiores a 11 salários e 26% com rendimentos entre 3 e 11 salários. Atualmente, a realidade é bem diferente: 26,5% de sua população tem rendimentos inferiores a 1 salário; 24% entre 1 e 3 salários; 33,7% de 3 a 10 salários e apenas 5,9% recebem acima de 10 salários. Esse “excesso de otimismo”, presente nos planos de ação de Narandiba pode ser explicado pelo próprio dinamismo econômico da década de 1970, mas as previsões estaduais, 27 anos depois, não se concretizaram.

Para tentar fazer uma análise mais detalhada sobre a diferenciação entre as duas zonas, comparamos os níveis de renda das populações de dois bairros. O contraste é bem mais visível do que o apresentado entre zona norte/ sul (ver tabelas 3 e 4):

Tabelas 3: Nível de renda dos responsáveis em Tancredo Neves

salários	s/ rend.	até 1/2	de 1/2 a 1	de 1 a 2	de 2 a 3	de 3 a 5	de 5 a 10	de 10 a 15	de 15 a 20	+ de 20
(%)	16,1	1,7	22,2	24,4	12,7	12,1	8,4	1,4	0,5	0,4
total	40%			37,10%		20,50%		2,30%		

Fonte: IBGE 2000

Tabela 4 : Nível de renda dos responsáveis no Doron

salários	s/ rend.	até 1/2	de 1/2 a 1	de 1 a 2	de 2 a 3	de 3 a 5	de 5 a 10	de 10 a 15	de 15 a 20	+ de 20
(%)	4,4	0,2	5,6	15,9	12,1	26,1	28,7	4,0	1,8	1,3
total	10,20%		28%		54,80%		7,10%			

Fonte: IBGE 2000

Analisa-se agora os principais pontos dos questionários aplicados aos moradores do Tancredo Neves e Doron a respeito da satisfação com seus bairros, os principais problemas e vantagens de morar lá e o que eles consideram como prioridade em relação à moradia:

1. Quais as vantagens de se residir aqui? * (em %)

	Tancredo Neves	Doron
Não há vantagens	12	14,3
Preço acessível e proximidade de comércio	36	7,1
Proximidade de serviços	13	28,6
Segurança	1	32,1
Boa infra-estrutura	8	-
Bom sistema de transportes	20	7,1
Outros (vizinhança)	10	10,8

2. Quais os principais problemas desse bairro? * (em %)

	Tancredo Neves	Doron
Não há problemas	6,1	4,2
Distância em relação à serviços	9,8	4,2
Falta de segurança	35,4	25
Falta de infra-estrutura	15,8	25
Sistema de transporte deficiente	24,4	33,3
Outros	8,5	8,33

3. Em relação à moradia, o que você considera prioridade? * (em %)

	Tancredo Neves	Doron
Segurança	34	39,5
Boa infra-estrutura	16,5	21,1
Proximidade de empregos	4,6	-
Bom serviço de transportes	11,6	18,4
Proximidade de serviços	25,2	13,1
Outros	7,8	7,9

4. Você gosta de morar nesse bairro? * (em %)

	Tancredo Neves	Doron
sim	81,7	75
não	16,7	20
não sabe	1,6	5

5. Você gostaria de residir em outro bairro? * (em %)

	Tancredo Neves	Doron
sim	53,3	75
não	46,7	25

* Fonte: Trabalho de Campo

- Para os moradores de Tancredo Neves, a principal vantagem de residir lá é o baixo custo e a acessibilidade ao comércio (36% do total). No Doron, esse quesito obteve apenas 7,1% das respostas, sendo a principal vantagem deste último a segurança (32,1%) e a proximidade de serviços, como escolas, hospitais, lazer etc.
- Quanto aos problemas, a segurança foi citada como o principal em Tancredo Neves (35,4%), e o sistema de transporte obteve maior parte das respostas do Doron (33,3%)
- Quanto às prioridades relacionadas à moradia, foram propostos cinco pontos: segurança, boa infra-estrutura, proximidade a empregos, bom serviço de transportes e proximidade a serviços. Em ambos os bairros, a segurança foi a mais citada como prioridade habitacional; logo depois, a proximidade de serviços, em Tancredo Neves (21,1%) e a boa infra-estrutura, no Doron, resultados que vão de encontro aos planos de ocupação e zoneamento da CONDER, na época de implantação do Projeto Narandiba.
- Finalmente, quando se pergunta ao morador se ele está satisfeito em viver em seu bairro, o índice de satisfação é mais alto em Tancredo Neves (81,7%) do que no Doron (75%). Quando é perguntado se gostaria de residir em outro bairro, 53,3% dos entrevistados no Tancredo Neves disseram que não, enquanto a mesma resposta foi dada por 75% dos entrevistados residentes no Doron.

Inicialmente, se questionaria o porquê da maior satisfação em Tancredo Neves quando comparado ao Doron, visto que o primeiro é um bairro mais carente, com pouca infra-estrutura e que convive com sérios problemas como a violência. E justamente por isso, abordaram-se as questões da subjetividade e dos sentimentos afetivos em relação ao espaço e sua importância no estudo do bairro, tanto que, se fosse considerado apenas os aspectos objetivos, como os citados anteriormente, não se teria como entender os resultados.

São muito distintos os sentimentos dos moradores em relação a seus bairros, podendo variar de grande afetividade até a plena indiferença. Segundo SOUZA (1989, p. 151), a maneira como se vivencia o bairro e a imagem que se tem dele é influenciada pelo grau de aceitação dos valores dominantes. Além disso, o menor desejo de mudança do bairro em Tancredo Neves pode ser explicado pelo fato de os problemas sociais serem grandes 'estimuladores' da resistência e da maior união dos moradores a fim de resolver esses problemas, que atingem a todos, direta ou indiretamente.

CONCLUSÃO

Apesar de Narandiba ter sido planejada para ser um projeto heterogêneo, não o é, mesmo com o interesse do governo em diferenciar/ valorizar a zona sul em relação à zona norte, devido à sua proximidade ao novo centro da cidade. Mesmo existindo diferenças entre as duas, estas não são tão marcantes como foi planejado: a zona sul de Narandiba é constituída de conjuntos habitacionais populares, marcada também pelo crescimento das ocupações espontâneas, com população de rendimento médio na faixa de 3 a 10 salários mínimos, que convivem com problemas de infra-estrutura. Hoje, 27 anos passados desde seu planejamento, muito não se concretizou. Excesso de otimismo? Descaso motivado pelo interesse em outras áreas da cidade mais lucrativas? É provável.

Quando se procura analisar mais profundamente as diferenciações entre as duas zonas de Narandiba, escolhendo-se, para tanto, dois bairros-pilotos, os resultados encontrados merecem

alguns comentários. Primeiro, a zona sul, aqui representada pelo Doron é privilegiada em relação à norte (representada pelo Tancredo Neves); sim, não há dúvidas.

Mas o segundo ponto começa com uma questão: por tudo que foi dito sobre Tancredo Neves e sua visível “desvantagem” em relação a estes aspectos quando comparado ao Doron, pode-se dizer que sua população desejaria sair do bairro ou se sentiria insatisfeita por morar lá? Não necessariamente.

Pensando de maneira objetiva, considerar-se-iam unicamente os problemas de ordem econômica e estrutural, que fazem de Tancredo Neves um típico bairro periférico, o que, conseqüentemente, causaria insatisfação para seus moradores. Em outras palavras, essa é a idéia presente na noção que se tem de “centro – periferia”, onde as desigualdades são expressas num sentido de *melhor e pior*. A periferia passa a ser enxergada apenas como o pior; um pensamento típico dos dias de hoje, de uma sociedade capitalista cuja felicidade é associada, obrigatoriamente, ao consumo.

A produção do espaço periférico cria muitos problemas, mas pode ser vista de outra maneira, através do sentido de **bairro**: “espaço vivido e sentido (...) que expressa e condiciona as redes de relações sociais, de vizinhança, de parentesco, de amizade (...)” (SERPA, 2002, p. 295). É possível ver a periferia muito mais do que um espaço segregado e, sim, como um espaço de diversidade, onde as pessoas estabelecem vínculos e são felizes.

Com isso, não se pretende negar ou amenizar os inúmeros problemas existentes nos bairros periféricos. O que se procura fazer é enxergar possibilidades e novas alternativas para a periferia. Primeiro, porque, se as cidades crescem e seu tecido urbano é ampliado, é natural o fato de existirem pessoas que morem mais distantes do centro da cidade; quanto a isso, não há o que fazer, visto tratar-se de um problema de ordem física, espacial. A solução seria, então, melhorar as condições estruturais nesses locais mais afastados através da descentralização da gestão do espaço urbano em direção aos bairros. Assim é fundamental a autonomia de decisão nos processos de planejamento urbano pelos moradores dos bairros, até que se chegue a uma “descentralização dos benefícios, não somente racional, mas humana e democrática” (SOUZA, 1989, p.170).

REFERÊNCIAS

BRITO, Cristóvão de C. da T. de. **A Produção de Escassez de Terrenos Urbanos em Salvador e suas Conseqüências na reprodução Futura do espaço**. 1997. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFBA, Salvador, 1997.

CEDURB. **Projeto Narandiba**: fundamentos teóricos. Salvador: 1977. V. 1.

CEDURB. **Projeto Narandiba**: propostas finais. Salvador: 1977. V. 2

CEDURB. **Projeto Urbanístico Integrado Narandiba**. Salvador: 1979.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

SCHEINOWITZ, A.S. **O Macro Planejamento da Aglomeração de Salvador**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, EGBA, 1998.



SERPA, Angelo. **Margens de Salvador**: a produção do espaço periférico metropolitano. In: QUEM FAZ SALVADOR?, 2002, Salvador: UFBA, 2002. p. 295 a 303.

SOUZA, Angela G. **Limites do Habitar**. Salvador : EDUFBA, 2000.

SOUZA, Marcelo J. Lopes de. O Bairro contemporâneo: Ensaio de abordagem política. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, n. 51, p. 193-172, abr/ jun 1989.